

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVII



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2019.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLVII

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/00000>

Tanta dor em Natércia Freire

FERNANDA DACOSTA

Em carta que me enviou pouco antes de falecer, Natércia Freire, a certa altura, afirmou algo que retive para sempre. Cito: “Ser-se alguém é uma circunstância residual, ser-se ninguém é uma circunstância cósmica”. Agostinho da Silva, a quem mostrei o escrito, que comungou, dir-me-ia: “A melhor filosofia portuguesa está nos nossos grandes poetas, e Natércia Freire, por isso devemos lê-la, é um deles”.

Nas comemorações em curso do centenário do seu nascimento, os que a têm evocado coincidem no detectar nela um certo aniquilamento pessoal, uma quase desistência de si.

Esse apagamento, observa Pedro Sena-Lino, seu neto e notável poeta, significa “o dizer-se em gestos para ser em totalidade”.

Profunda conhecedora da natureza humana, Natércia Freire avançou pelos outros desocultando-se para melhor se ocultar, através de uma estética e uma ética muito próprias.

Escritora, investigadora, tradutora, poetisa, ensaísta, jornalista desdobrou com harmonia incomum iniciativas que lhe abriram uma carreira de referência na cultura portuguesa.

Ela faz parte dos criadores que chegam elipticamente, elevando-se como aves de muitos tempos, muitos voos, muitas sabedorias.

Cito: “A Vida vai expulsar-me, descontente, /e Deus me irá julgar e condenar / porque me esperei em séculos de ausente /e não cumpri, presente, o meu lugar”.

A paixão pelo superior excepcionizou-a desde sempre. Personalidade de acrescentamentos, conciliou, como poucos, pensamento e acção, afectuosidade e firmeza, individualismo e universalismo.

Aprendeu em jovem a voltar-se para os que estavam na sua barca de afirmação, barca da poesia, do convívio, da pluralidade, da solidariedade. Sem desistências nem cedências, fez-se navegante de bússolas inamovíveis.

Dotada de capacidades de observação invulgares, Natércia Freire afirmou espaços para si e para a sua obra, logrando uma maestria de invulgar tessitura.

“Sou um tempo ambíguo/ de misérias frouxas/ de fuligem, teias/ e de feridas roxas/ Sou um tempo amargo/ de terríveis vidas/ Cabem-me os terrores/ e as asas partidas/ Sou um tempo, um tempo que não está no tempo”, escreve.

Discreta, secreta, sabe nortear-se por exigências inamovíveis. Lê-la é imergir em universos onde a escrita ganha flutuações mágicas.

“A sua palavra”, comentava Natália Correia, “ajuda a recriar o mundo, a tirá-lo do caos para o cosmos”.

O século XX português foi, curiosamente, marcado por mulheres excepcionais, havendo quem lhe chame mesmo, pela sua luta, um século de mulheres. Nesses 100 anos, elas viram a República utilizá-las e traí-las, viram o Estado Novo amputá-las e segregá-las, viram a democracia continuar a pagar-lhes menos, nas mesmas tarefas, do que aos homens. Muitas rebelaram-se, porém, afirmando-se crescentemente em vários campos e competências. A guerra colonial, os movimentos femininos, as urgências sociais, foram-lhes, entretanto, proporcionando condições de avanço, de melhor justiça — que corajosamente têm ampliado.

Adelaide Cabete, Fernanda de Castro, Ana de Castro Osório, Maria Amália Vaz de Carvalho, Guilhermina Sugia, Florbela Espanca, Amélia Rey Colaço, Amália Rodrigues, Natércia Freire, Irene Lisboa, Natália Correia, Sophia de Melo Breyner, Helena Vieira da Silva, Maria Lamas, Maria de Lourdes Pintasilgo, Maria Barroso tornaram-se, entre muitas outras, figuras de irrecusável referência — como a agora Maria Manuela Couto Viana, superiormente homenageada pelo professor Artur Anselmo.

A cultura portuguesa é feminina e rural, independentemente do sexo e do *habitat* dos seus autores, subscrevia, com Natália Correia, Natércia Freire. Admiradoras mútuas, condiziam no inovar de conceitos tradicionais — caso do feminismo instituído (o que reivindica a igualdade da mulher e do homem) para o do feminismo alargado (o que reivindica a valorização do feminino que existe na mulher como no homem, pois é a nossa parte criativa, afectiva, luminosa, harmoniosa. Pedro Sena-Lino observa na sua avó “um ante-feminismo expresso por uma voz feminina antiga como a natureza da terra”.

O 25 de Abril alterou, naturalmente, a vida de Natércia Freire, como a de quase todos nós: magoada, vê subtraírem-lhe o suplemento literário do *Diário de Notícias* que dirigiu, superiormente, pluralisticamente durante décadas.

Saneada pela esquerda, que ela nunca segregara, isola-se na sua casa do Restelo onde escreve alguma da nossa melhor poesia. Colocada num plano cultural superior ao do seu tempo, Natércia Freire amparava-se em Padre Manuel Antunes para afirmar “não haver nada mais tradicional do que a revolução, nem nada mais revolucionário do que a tradição”.

David Mourão Ferreira, Natália Correia, António José Saraiva, Miguel Torga, Vitorino Nemésio, António Gedeão destacam-na como vulto cimeiro da nossa literatura.

Maria Gabriela Llansol sintetizará, no prefácio da *Poesia Completa de Natércia Freire*, “haver tanta dor lenta nela”.

Na sua obra encontramos poemas de voo e deslumbre, de mágoas e coragem — como o genial *A Guerra*, audaciosamente publicado durante a guerra colonial.

“São todos meus filhos”, escreve ela. “Gerei-os no meu ventre/Via-os chegar, às tardes, comovidos/nupciais e trementes/do enlace da Vida com os sentidos/Estiveram no meu colo, sonolentos/Contei-lhes muitas lendas e poemas/Às vezes perguntavam por algemas/Respondia-lhes: mar, astros e ventos/Alguns, os mais ousados, os mais loucos/desejavam a luta, o caos, a guerra/Outros sonhavam e acordavam roucos/de gritar contra os muros que há na Terra/São meus filhos. Gerei-os no meu ventre/Nove meses de esperança, lua a lua/Grandes barcos os levam, lentamente...” E, sublime, acrescenta: “Não ocultem mais rostos sob a teia/das lágrimas. Sob os tampos de mogno/onde a nossa ignorância se debruça/Não fechem mais caixões à hora clara/Em que o dia vai alto e o sol soluça”. Para encontrar um sentido na vida não se pode contar apenas com o visível, com o racional, mas também com o imaginado, com forças indizíveis como as da poesia, das artes, das religiões, dos sentimentos, forças que vêm do fundo dos tempos.

Natércia, que acreditava, escreve, escreve sempre: “Dir-se-ia que há um cântico interior nas coisas e nos seres, e que a nossa voz entoia esse cântico — esse sentido do existir”.

Permitam-me, a acabar, uma pequena nota de ternura e humor, ternura e humor que ela tanto valorizava:

Numa homenagem que lhe fizeram na década de 60, convidaram para orador o esfuziante Luís de Oliveira Guimarães. Não se sentindo bem preparado, até pela admiração que lhe dedicava, ele arranjou um truque notável: “Quando me

deram a palavra”, contou-me, “ataquei dizendo que tinha um grande discurso, mas que acabara de receber um telegrama que suplantava tudo o que pudesse dizer. Puxo então do impresso verdadeiro de um telegrama, forjado, e leio como se ele me fosse dirigido: Peço-lhe caro amigo que abrace por mim a minha querida Natércia Freire. Assinado, Luís Vaz de Camões. Ela nunca o esqueceu”.

Nós também não.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 3 DE NOVEMBRO DE 2019)